



MANUARIÁWA

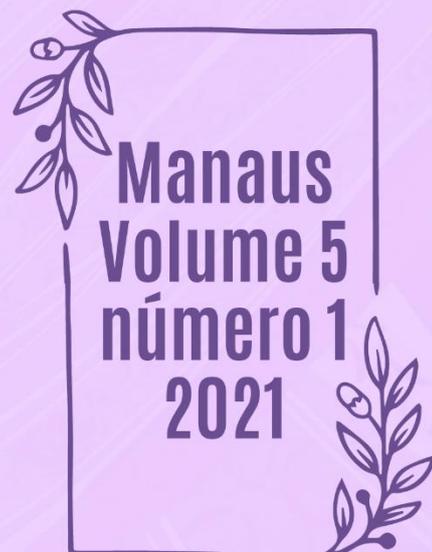


REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE DO CURSO DE HISTÓRIA DA UFAM



♀ **Dossiê:**

Histórias das violências de gênero contra as Mulheres



Manaus
Volume 5
número 1
2021



MANDIARIÇAWA

REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE DO CURSO DE HISTÓRIA DA UFAM



Dossiê: **Histórias das violências de gênero contra as Mulheres**

Organizadores:

Profa. DRA. Angelita Pereira De Lima,
MSC. Ana Paula De Castro Neves,
MSC. Luciano Rodrigues Castro.

Capa:

Andrew Matheus Medeiros da Conceição



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....6

DOSSIÊ TEMÁTICO

HISTÓRIAS SOBRE AS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO CONTRA MULHERES: SUGESTÕES PARA PENSAR UM CAMPO DE ESTUDOS-*Luciano Rodrigues Castro e Ana Paula De Castro Neves*.....9

A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NO LAR E OS PAPEIS NORMATIZADOS DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DOS JORNAIS IMPRESSOS “O POPULAR” E “O DIÁRIO DA MANHÃ”-*Angelita Pereira de Lima e Ana Paula de Castro Neves*22

A HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA PELA IGUALDADE DE GÊNERO: A TRAJETÓRIA DE NÍSIA FLORESTA-*Luciano Francisco de Oliveira Novais e Rosely Maria dos Santos*35

“TECELÃS DE MEMÓRIA”: AS MULHERES INDÍGENAS DO ACRE ROMPENDO AS REPRESENTAÇÕES-*Karolaine da Silva Oliveira*.....50

CACHIMBEIRAS DO PIAUÍ: MEMÓRIA DE PARTURIENTES NO SÉCULO XX -*Maria Arthuane da Costa Oliveira*68

MOVIMENTOS DE MULHERES E A LUTA POR DIREITOS (MANAUS, 1985-1989) -*Paola da Cruz Rodrigues*84

GÊNERO COMO UM CONCEITO POLÍTICO: UMA BREVE REFLEXÃO, PROBLEMÁTICAS, USOS E POSSIBILIDADES-*Sabrina Natali Silva Bentes*.....102

O CÓDIGO DO MACHO: A ESTRUTURA HISTÓRICA DO CÓDIGO PENAL BRASILEIRO E O CRIME DE ESTUPRO-*Rakell Dhamarys Moreira* 118

DA TEORIA À LEI: UMA ANÁLISE EVOLUTIVA SOBRE AS FACES DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NO BRASIL – <i>Karolayne Gonsalves e Ammanda Braga Guimarães</i>	133
“GRITARAM-ME NEGRA, NEGRA!” “E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: MULHERES NEGRAS NA LUTA POR DIREITOS FRENTE A DOMINAÇÃO PATRIARCAL – <i>Ádria Borges Figueira Cerqueira e Elizete Alvarenga Pereira</i>	148
VIOLÊNCIA DE GÊNERO E SUBJETIVIDADES: UM DIÁLOGO ENTRE SABERES HISTÓRICOS E PSICANALÍTICOS – <i>Emilly Christina Damasceno de Almeida e Hevellyn Ciely da Silva Corrêa</i>	162
COLONIALISMO, COLONIALIDADE E VIOLÊNCIA DE GÊNERO: UM OLHAR PARA AS REPRESENTAÇÕES DA FIGURA FEMININA NA LITERATURABRASILEIRA – <i>Stephanie Miranda dos Santos e Gustavo dos Santos Souza</i>	178
SOCIEDADE, PODER E FEMINISMO: REPRESENTAÇÕES PATRIARCAIS E IGUALDADE DE GÊNERO NA LITERATURA UTÓPICA REPRESENTADAS NA OBRA FICCIONAL “TERRA DAS MULHERES”, DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN – <i>Francisca Cibele Da Silva Gomes</i>	194
O PESSOAL É POLÍTICO: PROJETOS DE LEI DAS VEREADORAS DE BELÉM EM 2021 – <i>Juliana Silva Couto</i>	223
MÍDIA, TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E O FORTALECIMENTO DO PROTAGONISMO FEMININO PARA MITIGAR A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER – <i>Carla Braga Diogo</i>	246

ARTIGOS LIVRES

“O BRASIL TÁ LASCADO!”: REPRESENTAÇÕES NEGRAS NO BIG BROTHER BRASIL 21 – <i>Dimitri José da Costa Maciel</i>	260
“FORÇA É MUDARES DE VIDA”: UM GIRO ÉTICO-POLÍTICO E HERMENÊUTICO PARA HISTORIOGRAFIA – <i>Henrique Melati Pacheco</i>	276

UM LUGAR NA HISTORIOGRAFIA AMAZONENSE: A TRAJETÓRIA DE BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA (1841-1919) – <i>Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa</i>	295
O ESTADO NOVO NO AMAZONAS: A ESTRATÉGIA POLÍTICO-ECONÔMICA DE ÁLVARO MAIA ATRAVÉS DO JORNAL DO COMMERCIO (1937-1942)-<i>Roberta Nogueira Serrão</i>	317
PELAS NOTAS, ANÚNCIOS E EDITORIAIS: O APARECIMENTO DOS TRABALHADORES NA IMPRENSA DE MANAUS NA <i>BELLE ÉPOQUE</i> -<i>Gabriel Cruz Carneiro</i>	333
OS PARINTINTIN NA IMPRENSA AMAZONENSE: ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE A GUERRA-<i>Ana Rivick Lira Bernardo</i>	356
A LEPROSA NOS PERIÓDICOS AMAZONENSES (1927-1930): UM QUADRO DO INFERNO DE DANTE–<i>Janielly Cordeiro de Castro</i>	378
REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE, CONSCIÊNCIA E NARRATIVA HISTÓRICA-<i>Wenderson Macedo de Lima</i>	393
AMAZÔNIA COLONIAL EM CARTAS: RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA- <i>Sarah dos Santos Araujo</i>	415

RESENHA

NOVOS CONTORNOS DO FEMINISMO A PARTIR DO SUL: GREVE GERAL E POTÊNCIA-<i>Eduarda Maria Murad e Lorena de Oliveira</i>	430
O COLONIALISMO ONTEM E HOJE -<i>Anny Letícia Duarte de Souza, Antônio Carlos Lobato Neves, Maria de Nazaré Cortinelli, William Lima Duarte Oliveira</i>	437
O FENÔMENO DA REVOLTA DA VACINA NA VISÃO DE NICOLAU SEVCENKO-<i>Danilo Mendonça</i>	445



APRESENTAÇÃO

Angelita Pereira Lima¹
Ana Paula de Castro Neves²
Luciano Rodrigues Castro³

Parece estranho que, em pleno ano de 2022, o tema das violências de gênero contra mulheres e meninas esteja apenas começando a ganhar um apelo geral entre a sociedade brasileira. Historicamente, a sociedade brasileira legitimou, por meio das instituições públicas, a desigualdade de gênero que, por sua vez, é fruto de heranças histórico-jurídicas que remontam ao período colonial. Exemplo disto é a utilização do termo *mulher honesta* no Código Penal de 1940, a fim de se fixar parâmetros para auferir um juízo de valor em casos de crimes sexuais cometidos contra mulheres (só foi retirado do ordenamento brasileiro nos anos 2000, por ser considerado um parâmetro comportamental estereotipado). Também o Código Civil brasileiro de 1916 – que trazia pesada carga semântica no tratamento direcionado às relações entre homens e mulheres – só foi alterado nos anos 2000, quando homens e mulheres passaram a receber tratamento normativo equiparado.

Reforçamos, portanto, que ainda que as mulheres tenham obtido grandes conquistas em âmbito internacional e nacional, a violência de gênero contra mulheres ainda é recorrente em nosso país e no restante do mundo. Só no Brasil, no primeiro semestre de 2020, ao menos 648 mulheres foram assassinadas por motivação relacionada ao gênero. O índice representa aumento de 1,9% em relação ao mesmo período, de janeiro a junho, no ano anterior, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP e integram o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

Apesar desta pesada herança histórica, as mulheres brasileiras – em sua diversidade de origens e contextos sociais – resistem. A luta por garantias e direitos das e para as mulheres é antiga, no Brasil e no mundo. Se pensamos nos exemplos mais

¹ Doutora, Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos. Diretora da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG.

² Doutoranda em Direitos Humanos do Programa de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos - (PPGIDH) da Universidade Federal de Goiás. apcastro_1@hotmail.com

³ Doutorando em Direitos Humanos do Programa de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos - (PPGIDH) da Universidade Federal de Goiás. ro.luciano88@gmail.com



proeminentes, são muitos os nomes que veem à lembrança: Nísia Floresta, Josefina de Azevedo, Bertha Lutz, Antonieta de Barros, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro...

O tema específico das violências contra as mulheres, fruto de uma mudança de sensibilidade em relação aos corpos femininos que vem ecoando publicamente ao longo de pelo menos seis décadas, no Brasil, tem relevância especial entre as vitórias a serem celebradas. Numa sociedade proeminentemente patriarcal, fabricar leis e instituições destinadas a promover conscientização e proteção (ainda que imperfeita) contra violências de gênero não é pouca coisa.

Desde a popularização do lema *Quem ama não mata*, a incorporação de demandas não seguiu um caminho linear. Entre avanços e recuos, ainda há muito a ser conquistado (e mesmo consolidado, vale lembrar). Mulheres pertencentes a grupos subalternizados, como indígenas e negras, têm enfrentado dificuldades maiores no acesso aos benefícios trazidos pelas conquistas institucionais.

As vitórias não são constatáveis apenas no campo da oficialidade do estado: movimentos sociais passam, cada vez mais, a sensibilizar-se às necessidades de representatividade e respeito, procurando evitar as dinâmicas de violência simbólica e apagamento que foram sempre tão corriqueiras; nos espaços universitários, os debates e pesquisas sobre o tema ganharam, ao longo das últimas décadas, grande projeção; nas ciências sociais brasileiras, particularmente, o tema foi e tem sido amplamente teorizado e pesquisado.

A historiografia ocidental tem, frequentemente, se dedicado ao estudo das histórias das mulheres na sociedade, sendo crescentes os debates intelectuais em torno de gênero e sexualidade desde o século XX. As renovações historiográficas trazidas pela Escola dos Annales, pela Nova História ou pelas interpretações frequentemente colocadas sob o termo generalista “Pós-Modernismo” permitiram a emergência do tema como uma verdadeira subdisciplina. No Brasil, os estudos históricos sobre o tema consagraram nomes como Margareth Rago, Raquel Soihet, Marta Rovai, Giovana Xavier ou Mary Del Priore.

No caso brasileiro, é importante destacar que leituras específicas sobre as histórias *das violências de gênero contra mulheres* ainda estão longe de dimensionar a forte presença histórica do fenômeno em nosso cotidiano. Isto porque, embora tenha ganhado proeminência nas ciências sociais brasileiras, consagrando nomes como Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Marilena Chauí e Lourdes Bandeira, o tema ainda tem pouca reverberação na área da história.



Neste sentido, o intuito deste dossiê foi somar-se aos estudos, pesquisas e questionamentos existentes na área de história que, de alguma maneira, procurem encarar os fenômenos de violência de gênero contra mulheres por uma perspectiva diacrônica. Nosso intuito foi reunir trabalhos capazes de abordar a temática, tendo particular interesse - embora não exaustivo - nos seguintes temas: a constituição histórica do conceito de violência de gênero; a cultura patriarcal como cultura histórica; a história da historiografia sobre violências de gênero; relações históricas entre mídia e violências de gênero; os crimes de "defesa da honra" em perspectiva histórica.

Para nossa satisfação, como poderá constatar o leitor interessado, a interdisciplinaridade e pluralidade metodológica marcaram as discussões aqui reunidas. As contribuições colocam em diálogo os estudos históricos com temas tão diversos como democracia, movimentos sociais, justiça, legislação, comunicação. Convidamos os interessados às leituras e desejamos uma excelente leitura!